



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

HISTEFANE ALMEIDA NERIS

**O USO DA LITERATURA NO ENSINO DA GEOGRAFIA:
Experiência do Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Geografia
da UNEB-Campus IV**

JACOBINA-BA
2024

HISTEFANE ALMEIDA NERIS

**O USO DA LITERATURA NO ENSINO DA GEOGRAFIA:
Experiência do Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Geografia
da UNEB-Campus IV**

Trabalho de Conclusão de Curso solicitado como avaliação parcial do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, Colegiado de Geografia.

Professora Orientadora: Dr^a. Ivaneide Silva dos Santos

JACOBINA-BA
2024

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Deus, que me deu forças para eu chegar até aqui. E dedico também a minha família e amigos que sempre me apoiaram nesta trajetória.

Resumo

O presente trabalho discute o uso da Literatura como potente recurso para as aulas de Geografia que, com um ensino contextualizado, busca ampliar a interação entre o estudante e o conteúdo. O objetivo do trabalho é compreender o potencial do uso da literatura para o ensino de Geografia nas aulas da educação básica, buscando responder ao seguinte problema: como trabalhar a Literatura de forma eficiente no ensino de Geografia para potencializar a aprendizagem? A metodologia do trabalho é de abordagem qualitativa, com procedimentos de pesquisa-ação, tendo como campo de estudo duas escolas públicas da cidade de Jacobina, Bahia, nas quais ocorreram as regências do Estágio Supervisionado em Geografia III e IV no ano de 2024. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas com professores e alunos, observações e regência de ensino, e também trazemos as experiências literárias da autora com temas que conversam com a Geografia. A pesquisa bibliográfica também foi utilizada para analisar o que já tem escrito sobre o assunto e para promover um diálogo com os dados da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; literatura; linguagens; recursos didáticos.

Abstract

The present work discusses literature as a powerful resource for Geography classes that, with contextualized teaching, seeks to expand the interaction between the student and the subject. The objective of this work is to understand the potential of literature in teaching Geography in basic education classes, seeking to respond to the following question: How can literature be efficiently integrated into teaching Geography to enhance learning? The study adopts a qualitative methodology with action-research procedures, having as its field of study two public schools in the city of Jacobina, Bahia, where the teaching internships of the Supervised Internship in Geography III and IV took place in 2024. We used interviews with teachers and students, observations and teaching experiences as data collection instruments and also brought the author's literary experiences with themes that relate to Geography. The bibliographic research was also used to analyze existing studies on the topic and establish a dialogue with the research data.

Keywords: Geography teaching; literature; languages; teaching resources.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: Literatura como fonte de prazer e aprendizagem: diálogos com a Geografia	12
1.1 Dos Livros da minha infância e adolescência e a Geografia que encontrei na literatura que li	16
1.2 A Literatura que pude ver antes de ingressar na universidade	22
CAPÍTULO 2: O potencial da literatura nas aulas de Geografia.....	24
2.1 A Literatura como fonte de investigação geográfica	24
2. 2 O uso da Literatura nas aulas de Geografia	27
CAPÍTULO 3: Literatura e Geografia no Estágio Supervisionado.....	32
3.1 Experiência com o uso da Literatura no Estágio Supervisionado em Geografia III.....	33
3.2. Experiência com o uso da Literatura no Estágio Supervisionado em Geografia IV	41
Considerações Finais	48
REFERÊNCIAS	49
Apêndice	52

INTRODUÇÃO

Sabemos que a escola, enquanto instituição de ensino que desenvolve uma educação sistematizada, sempre sofreu e ainda sofre com inúmeras barreiras políticas e sociais (desigualdade, afastamento das famílias, violência, o mundo digital sem controle, desinteresse dos alunos e outros inúmeros problemas), o que revela a crescente necessidade de um ensino cada vez mais contextualizado. Visando aproximar os alunos das discussões trazidas pelos conteúdos estudados para formar cidadãos que entendam sua realidade e possam utilizar os conhecimentos adquiridos na escola em seu dia a dia, apontamos a Literatura como um recurso para contextualizar os conteúdos das aulas de Geografia.

Neste contexto, o potencial da Literatura nas aulas de Geografia é um tema a se estudar, sendo que é possível colocar em ação meios para se trabalhar de forma eficaz a Literatura e outros tipos de linguagens como um recurso para o ensino de Geografia na educação básica. Os livros literários, em seus enredos trazem muito além de histórias românticas, tristes ou alegres, o cenário pode trazer como pano de fundo o contexto de uma guerra, uma seca ou uma tragédia política, social, econômica ou natural, podendo ser discutido de alguma forma a formação ou modificação do espaço geográfico.

Todavia, falar de leitura com jovens por si só já é um desafio, é importante conhecer, como leem, estudam e aprendem Geografia, para conseguir colocar a Literatura nas aulas de Geografia, principalmente por se tratar de uma geração que aprende em sua maioria apenas com o concreto, sendo deficiente em abstrações. Diante desta problemática, o presente trabalho procurou pesquisar sobre a Literatura como um recurso didático para o ensino de Geografia, visando responder ao seguinte problema: como trabalhar a Literatura de forma eficiente no ensino da Geografia para potencializar a aprendizagem?

Mesmo sendo uma área vasta e de difícil manejo, a pesquisa foi ao encontro dos principais temas e conceitos da Geografia que podem ser tratados de forma lúdica e articulada a Literatura nas turmas de regência dos Estágios Supervisionados em Geografia (ESG). O uso da literatura como um recurso pode proporcionar o contato dos estudantes com a visão de mundo do outro, visualizando outros cenários, o que traz uma oportunidade para exercitar a sua própria visão de mundo e encarar sua própria realidade. Desta forma, para responder ao problema de pesquisa referente à

falta de formas de contextualizar os temas da Geografia e a falta de interesse dos alunos nas aulas, o trabalho objetivou compreender o potencial da Literatura para o ensino de Geografia, tomando como lócus de investigação as experiências dos Estágios Supervisionados em Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na cidade de Jacobina-Bahia.

O estágio, campo de estudo deste trabalho, é pensado por representar um importante momento na vida do professor em formação, em que o estudante pode testar métodos e se avaliar no processo de formação. O estágio supervisionado é um componente obrigatório no currículo do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, Campus IV, que se divide em 4 componentes com carga horária de 105h cada componente ao longo dos dois últimos anos da graduação e a pesquisa em questão ocorreu no Estágio Supervisionado em Geografia III e no Estágio Supervisionado em Geografia IV, os quais se destinam à regência nos espaços escolares do ensino fundamental e médio respectivamente. A importância deste componente no currículo do curso, está no fato dele aproximar o estudante da graduação com a educação básica, colocando o estudante diretamente em contato com a escola.

Conforme o objetivo geral, temos como objetivos secundárias apontar a Literatura sendo um elo de ligação para conceitos e temas da Geografia, contextualizando os conteúdos com o tempo e o espaço; trabalhar na Literatura com a visão de mundo dos estudantes com intuito de explorar a Geografia nas páginas dos livros; e utilizar a Literatura enquanto uma linguagem simplificada e contextualizada para questões geográficas.

Para destacar as potencialidades da literatura na Geografia foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de trazer as principais discussões sobre a importância de se trabalhar o ensino da Literatura como um recurso de ensino, tendo como contribuição os estudos de Marandola e Oliveira (2009); e Morais e Callai, (2020) e Cavalcante (2020). Na pesquisa bibliográfica também foi relacionado quais são as principais potencialidades da literatura no ensino de Geografia, o que é Literatura e a sua ligação com a Geografia.

A pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa narrativa, por trazer as experiências e histórias da autora de suas leituras do passado que são bastante pertinentes a temas geográficos. A autora narra suas leituras desde os seus primeiros livros, assim é usado os eventos, acontecimentos para explicar ao leitor o sentido da

pesquisa, o sentido da escolha do tema e porque ele é importante. Aqui seguimos o sentido de pesquisa narrativa a partir de Paiva (2008, p. 3), onde “pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno.”

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa e aconteceu por meio de entrevistas como instrumentos de coleta de dados, realizadas com professores e alunos das escolas onde os estágios aconteceram. O trabalho consiste em trazer as experiências do Estágio Supervisionado em Geografia, em que nas aulas foram auxiliadas pelo uso da Literatura para se trabalhar as unidades temáticas propostas. Na pesquisa utilizamos o procedimento de pesquisa-ação, a qual possibilita ao pesquisador interagir de forma ativa no campo de estudo. A pesquisa-ação utilizada no trabalho é defendida por Tripp (2005), que a caracteriza como uma investigação-ação que utiliza as mesmas técnicas e critérios de avaliação de qualquer outro tipo de pesquisa como veracidade, originalidade, procedimentos e outros.

Sendo de natureza aplicada e com objetivo exploratório colocando em prática na pesquisa as potencialidades da Literatura na Geografia, essa pesquisa foi aprovada pela Plataforma Brasil, que corresponde ao número do CAAE: 81330624.7.0000.0057. É importante destacar que quando se trabalha com seres humanos (os alunos e professores), é importante que um comitê de ética analise o projeto de pesquisa para avaliar se a pesquisa não configura um risco aos participantes, a Plataforma Brasil se configura como uma proteção para os pesquisadores e participantes, dando respaldo por lei. No momento das entrevistas foi afirmado aos participantes que eles estariam assistidos pelas resoluções do CNS nº 466/2012 e 510/2016.

Como a pesquisa só foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNEB após a realização do estágio no Ensino Fundamental, o qual ocorreu na Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira, que fica na Rua Margem Rio do Ouro, no bairro de Leader, buscamos retornar ao colégio, após a realização da experiência, nos meses de outubro e novembro de 2024, para a coleta de dados e entrevistas. E para apresentar discussão sobre o ESG III, as informações estão resguardadas nos documentos de avaliação do referido componente curricular. Vale salientar que o colégio atende crianças e adolescentes do 6^a ano ao 9^a ano, nos turnos matutino e vespertino.

No ensino médio a pesquisa foi realizada no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, que fica na rua Presidente Kennedy, no bairro Estação, e atende adolescentes e adultos das séries do Ensino Médio regular e as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Estágio IV ocorreu de agosto a novembro com uma carga horária total de 30 horas, e as entrevistas foram realizadas em novembro de 2024.

O trabalho conta com o relato dos participantes da pesquisa, as professoras regentes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio e alguns alunos. Após as observações foram realizadas atividades de leituras nas aulas de regência do Estágio Supervisionado em Geografia IV. As metodologias para a realização das aulas foram diferentes, sendo no fundamental a metodologia ativa e no ensino médio a metodologia da teoria da pedagogia crítica. As leituras foram escolhidas a partir das unidades temáticas propostas pelos currículos das escolas que foram trabalhadas: “As representações das paisagens e, “As dinâmicas da Terra” para o Ensino fundamental e para as séries do ensino médio os temas foram: “Principais movimentos migratórios”; “Processo de urbanização do Brasil”; “Populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas e demais minorias” para a turma do ensino médio.

Dos desafios encontrados no estágio, conquistar a atenção dos estudantes perante as inúmeras distrações que a atualidade traz, como o uso desenfreado do celular, se torna uma discussão constante para o estudante da graduação. Como justificativa ao tema da pesquisa apontamos que no contexto atual, a escola necessita cada vez mais dar sentido à aprendizagem e levar o estudante ao encontro dos problemas e conflitos que o cercam, independente das unidades temáticas o uso de um recurso a mais como a Literatura já desperta uma curiosidade ao tema.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo: *Literatura como fonte de prazer e aprendizagem: diálogos com a Geografia*, traz o que motivou a pesquisa com minhas narrativas sobre as leituras que fiz no passado, antes mesmo de escolher estudar geografia abordando questões sobre as leituras da infância e da adolescência, bem como a literatura que pude ver antes de ingressar na universidade. O segundo capítulo: *O potencial da literatura nas aulas de geografia*, traz o que é a Literatura, discorrendo sobre seu elo com a Geografia, suas potencialidades e a fala de autores da Geografia que trabalham com a Literatura. Já o terceiro capítulo *Literatura e Geografia no Estágio Supervisionado*, traz os resultados da pesquisa realizada na experiência do estágio supervisionado, relatando as práticas

desenvolvidas, os textos trabalhados e a interação dos alunos com eles, assim discutindo como pode ser utilizada a Literatura como um recurso didático nas aulas de Geografia na educação básica. Nas considerações finais, analisamos os resultados das pesquisas e colocamos as nossas expectativas futuras.

CAPÍTULO 1: Literatura como fonte de prazer e aprendizagem: diálogos com a Geografia

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (Paulo Freire 1989, p. 19).

No ensino das crianças na primeira infância há uma preocupação muito grande de que elas aprendam a ler. Às vezes essa ação pode ser de forma até mecânica com a repetição, na leitura pela leitura e de um grafar antes da hora, não desenvolvendo na criança habilidades motoras essenciais a coordenação para o desenvolvimento da escrita e da fala. Na minha infância o ensino era dessa forma e aqui peço licença ao leitor para trazer minhas falas em primeira pessoa para tratar da discussão sobre a Literatura durante os meus anos escolares e de como hoje percebo que todos aqueles textos traziam questões geográficas do espaço transcritas em palavras nas páginas dos romances e livros de poesia.

Meu ensino nos anos iniciais foi bem tradicional na Escola Municipal Ana Nery em Várzea do Poço, o sistema curricular era dividido em séries da 1ª a 4ª, em salas multisseriadas, por conta da pouca quantidade de alunos que existia na zona rural e da falta de investimento em professores e infraestrutura para a localidade. Devo salientar que meu currículo é anterior à mudança proposta pela lei 11.274, publicada em 6 de fevereiro de 2006, que estabelece que o ensino fundamental com duração de 9 anos. Entrei na escola em 2004, ano em que eu completei 3 anos de idade, mas fui atrasada um ano por fazer aniversário depois do dia 30 de março segundo a direção da época.

A escola era composta por apenas 3 professores, uma professora para crianças de 3 anos até a alfabetização, uma outra professora com as turmas da alfabetização e uma professora que ficava com 2ª, 3ª e 4ª séries. Mesmo não tendo o melhor ambiente escolar, as poucas leituras que pude ter acesso foram bem proveitosas e alguns livros e textos literários ainda estão na memória de forma bastante afetiva, por isso penso e afirmo que a literatura traz uma maior fixação de temas ao nosso cérebro, pois desperta sentimentos de felicidade e revolta, possibilitando a visualização de paisagens e cenas imaginárias que se confundem e ao mesmo tempo ressaltam a realidade.

Quando criança, estamos em constante aprendizagem e descoberta geográfica. Na clássica percepção de espaço, primeiro reconhecemos a nossa casa depois, a rua, o caminho para escola, o bairro e assim por diante em uma questão até biológica de construção de signos. A fala de Paulo Freire (1989), na epígrafe que abre este capítulo, revela bem a leitura que aprendemos do mundo antes da escrita. No mesmo texto de onde é retirado o trecho da epígrafe, Paulo Freire traz experiências remotas de sua infância e adolescência que o faz compreender o ato de ler que é constituído em sua pessoa, algo que chama atenção em seu texto é quando ele cita que,

Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos (Freire, 1989, p. 21).

No texto, Freire (1989), se refere a sua percepção de mundo na infância de uma geografia que veio antes da palavra escrita, descrevendo sua infância em Recife e trazendo suas primeiras visões de mundo. Dessa forma, a geografia surge na vida da criança antes das palavras escritas. Neste sentido, a escola deveria, portanto, favorecer o processo de aprendizagem, dando aos sujeitos ferramentas de conhecer a escala do local e outras realidades mais distantes e a Geografia pode permitir esse processo junto a Literatura.

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete, (2007, p. 37) "A Geografia é a ciência que estuda o espaço produzido pelas sociedades humanas". Logo podemos pensar a geografia como a ciência que estuda as transformações no espaço produzidas pelos homens ao longo do tempo, assim tudo que se refere a esse espaço é do estudo da Geografia, o homem, a sociedade e a natureza.

A Geografia estuda o cotidiano, a cidade, o campo, o comércio, as trocas, as relações de trabalho e da falta de trabalho, o viver, o se relacionar e o construir do homem. São muitos os temas ligados à geografia e podemos ver como esses temas são trabalhados em relação com a Literatura. Ambas as áreas de conhecimento são criações humanas que se desenvolveram nos primórdios da humanidade, pois o homem quando desenvolve a leitura usa a Literatura para registrar fatos do real no centro do imaginário a partir da escrita e usa a Geografia desde sempre para controlar territórios e gerir sua vida conforme as questões do meio.

A leitura em uma sociedade como a brasileira, por muito tempo, foi algo segregador. Devido ao grande número de analfabetos, a leitura é um símbolo de liberdade e de forte impacto na vida das crianças. Para Saraiva, Mello e Varella (2001, p.81) “o domínio da leitura é uma experiência tão importante na vida da criança, que determina o modo como ela irá perceber a escola e a aprendizagem em geral”. As mesmas autoras apontam que essa leitura deve ser estimulante para a criança como uma recompensa ao ato de aprender a ler, neste ponto vejo que cabe os conhecimentos geográficos sobre lugar, território, espaço, bem como as questões físicas e sociais que dão aos textos literários paisagens e cenários imaginários que conversem com o real e contextualizam tempo e espaço no plano do imaginário, afetivo e emocional de quem lê.

Pensando nas leituras de impacto que tive até aqui, lembro de poucas dos anos iniciais do ensino fundamental, mesmo assim foram impactantes igualmente as realizadas nos anos finais do meu ensino fundamental da 5ª à 8ª série. Foi um dos períodos que menos tive acesso a livros, e em relação à Geografia as aulas nunca tinham recursos além dos livros didáticos, até os mapas eram restritos aos livros didáticos.

O Instituto Educacional São Francisco de Assis, colégio onde realizei os anos finais do ensino fundamental na cidade de Várzea do Poço-BA, tinha uma biblioteca, mas com poucos livros que realmente me interessassem. Para crianças que não têm incentivo de leitura em casa é muito importante que a escola e os espaços públicos ofereçam e isso me faltou por muito tempo.

No ensino médio foi diferente o acesso à Literatura, estudei no Colégio Estadual Felipe Cassiano e lá, logo quando ingressei, uma das professoras de língua portuguesa iniciou um projeto de leitura com a criação de clube para trabalhar com seus alunos. Na 1ª série do ensino médio a professora do clube ensinava apenas a disciplina de linguagens para a minha turma, seu projeto era direcionado às turmas de 3ª série, porém éramos todos bem-vindos nas reuniões e tínhamos acesso aos livros na biblioteca. Nesse período tive acesso a um número maior de livros e de leituras que enxergo hoje muitas questões geográficas. Aqui se destaca a importância de se ter uma escola que ofereça um ambiente que possibilite aos estudantes contato com a leitura e professores que a incentivam.

Desse ponto de vista, mesmo que o professor de geografia não seja declaradamente o professor que a escola e a sociedade responsabiliza a direcionar o

estudante a desenvolver o hábito de leitura, ele pode influenciar os seus alunos para que leiam e façam isso como um exercício, essa é uma tarefa que pode ser feita para possibilitar uma educação mais cidadã com os recursos que se tem em mãos. Uma leitura crítica e direcionada pode abarcar inúmeras questões geográficas, logo o incentivo à leitura não deve ser restrito ao professor de português. Sabemos que cada escola tem uma realidade quanto aos recursos e administração, assim como cada professor também tem uma realidade diferente com cargas horárias em jornadas muito exaustivas. A questão não é que todo dia o professor deva chegar com um livro novo para ser utilizado como um recurso em sua aula, mas sim apresentar aos alunos outras possibilidades com a Literatura quando for possível para o professor.

O acesso à literatura abre o olhar para outras esferas e favorece o processo de aprendizagem e pode destrinchar desigualdades sociais. Para Saraiva, Mello e Varella (2001) a leitura pode ser vista como uma inserção ou exclusão social, por que ela separa os que têm o domínio da leitura dos analfabetos, assim como separa o mundo das crianças dos adultos.

A Geografia como uma ciência que permite a análise do homem em seu espaço geográfico pode buscar entender a partir do acesso ao conhecimento como se dá o processo de exclusão dos indivíduos e a constituição de sua cidadania dentro da escola no processo de ensino. Para Milton Santos (1987, p. 20) “a cidadania pode começar por definições abstratas, cabíveis em qualquer lugar, mas para ser válida deve poder ser reclamada”. Trabalhando de forma literal as palavras do professor, de forma abstrata ensinar o indivíduo a ler e dar a ele acesso a literatura é algo cabível em qualquer lugar e deve ser reclamado principalmente no presente momento de retrocesso do ensino formulado pelos últimos governos.

Portanto, contar aqui as minhas experiências com as leituras que pude realizar durante meu processo educativo antes de ingressar na universidade é uma forma de me ver dentro de um processo de construção do ser através do ensino. Hoje posso extrair vários diálogos das leituras realizadas durante minha infância e adolescência e vejo que estas leituras agregam muito ao conhecimento geográfico, a Literatura encanta e eleva o interesse do estudante sobre um tema e é isso que observo na minha experiência.

A Literatura é uma arte que usa as palavras para se manifestar culturalmente, cabe citar o que Said (1995) discute quando trabalha com questões do Imperialismo, pois ao trazer a Literatura como arte ele destaca que,

[...] devemos situar a arte no contexto mundial concreto. Estão em jogo territórios e possessões, geografia e poder. Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em *ter* mais territórios, e portanto precisaram fazer algo em relação aos habitantes nativos (Said 1995, p.39).

O autor deixa claro que tudo na história tem uma raiz na terra, todas as histórias mesmo as mais fantasiosas elas trazem uma raiz da Terra, ou seja, tudo o que lemos tem uma referência do espaço vivido e do tempo, ninguém consegue se desprender do mundo ao seu redor a ponto de não trazer nada a sua sociedade para as suas obras. Com isso as obras literárias sempre discutem algum conteúdo que é do campo da geografia por se tratar do mundo mesmo que imaginário.

Nesta sequência trago algumas reflexões sobre os textos literários lidos antes da minha entrada na universidade e reforço que trabalharei com a primeira pessoa do verbo para narrar e entrelaçar a pesquisa com a narrativa de minhas histórias de vida. Iniciamos assim a pesquisa narrativa que é caracterizada também como “uma forma de entender a experiência” (Clandinin e Connelly 2000, p.20, apud, Paiva, 2008, p. 3), assim traremos a experiência de uma vida de leitora que envolve temas da Geografia.

1.1 Dos Livros da minha infância e adolescência e a Geografia que encontrei na literatura que li

No processo de aprender, as crianças recebem inúmeros estímulos. No meu processo de aprendizagem me marcou bastante o primeiro livro que eu li de verdade (sem a leitura imagética e sendo um livro físico com capa e toda sua estrutura), foi de Drummond, “A cor de cada”, que foi lançado em 1997 pela editora Record e relançado em 2022 pela mesma editora, o livro traz um recorte do cotidiano, que não é tão apropriado para uma criança ler, visto que só vim entender de fato daquelas poesias depois que cresci, haviam palavras difíceis para o vocabulário limitado de uma criança. O livro me foi dado por uma professora, não me lembro por qual motivo, e acho que foi uma escolha aleatória, visto o grau de dificuldade, foi o meu primeiro livro e isso me motivou a ler e pelo sentimento de posse me obriguei a ler palavra por palavra. Como estava no processo de aprender a ler, lembro-me ainda do impacto que tal livro trouxe para minha vida e hoje posso ver nele diálogos que podem ser usados na geografia, como o poema “Lembrança do mundo antigo”.

Clara passeava no jardim com as crianças
 O céu era verde sobre o gramado,
 a água era dourada sob as pontes
 outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
 o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
 a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
 o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
 [em redor de Clara,
 As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
 A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia (perigo
 Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os
 [Insetos [...]] (Andrade, 1997, p. 6).

Em um poema como esse podemos ver a paisagem descrita nas palavras, um recorte para o passado e as mudanças dentro do cotidiano. Tal poema foi escrito durante o Estado Novo na ditadura brasileira de Vargas. Por mais que pareça um poema ingênuo ele rebate o seu contexto histórico que também gira em torno da Segunda Guerra mundial e as tensões geopolíticas que o mundo aspirava. É interessante a forma que o autor tenta trazer as emoções da época através do olhar da criança dos perigos que Clara temia. É o diálogo sobre os sentimentos que uma criança poderia ter perante um momento tão significativo para História e Geografia do mundo.

Pensando a Literatura como uma forma de abranger as escalas geográficas, poucas são as Literaturas africanas que nos são propostas. Nunca me esqueci de um livro da minha quarta série sobre seca e escassez de algum país na África, porém em minha memória não ficou só as dificuldades, as questões sociais também ficaram. O livro, que não consegui decorar o nome, conta a história de Nilla, uma menina que morava em aldeia com seus familiares em algum lugar do continente africano, ela realizava o ritual de subir uma montanha com determinação para pedir que a chuva chegasse para sua aldeia e com isso se tinha um sentido de comunidade e coletivo, a menina estava ali para pedir para todos, mesmo que os integrantes da aldeia já não mantinham esperanças, pois assim como nas colheitas o alimento era para todos a fome quando vinha também era para todos. A geografia discutida no livro é uma questão climática e de como o clima mobiliza a vida das pessoas, além de trazer crenças sociais de uma outra cultura, a criança do livro acreditava que a chuva vinha pela vontade dos deuses que só a escutariam de cima da montanha.

Mesmo trabalhando uma visão de África muito ligada ao preconceito existente diante da difícil situação de fenômenos climáticos extremos, é rica a cultura que pensa

o coletivo e que mostra para as crianças como os problemas da sociedade eram para todos se preocupar. Tudo isso marca muito o processo de aprendizagem e eu desejo conseguir trazer isso para as minhas aulas de geografia na educação básica como futura professora, a Literatura não é o nosso objeto de estudo, mas uma ferramenta potente de ensino. De certo modo, vejo que a Literatura proporciona memórias afetivas que se fixam no inconsciente e nos dão repertório para pensar diferentes fenômenos geográficos e espaços múltiplos.

Se tratando de memórias e problemas de escassez, podemos analisar algumas escritas regionais, como no poema “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré, onde é visto como a seca foi vivenciada em outras épocas, podendo ver como a fome afetava a vida das pessoas no cotidiano e em suas relações, é um tema atual que evidencia problemas sociais do espaço/território já que a fome é uma questão política e o poder público é muito mais responsável por ela do que a seca. Ao contextualizar as regiões semiáridas da América do Sul Ab'Sáber (1999, p. 7) pontua que, “conhecer mais adequadamente o complexo geográfico e social dos sertões secos e fixar os atributos, as limitações e as capacidades dos seus espaços ecológicos nos parece uma espécie de exercício de brasilidade”. Assim podemos ler trechos de Patativa como um exercício de entender o fenômeno da seca em outras épocas, com isso pode compreender também com quem vivenciou as experiências reais do passado. No trecho apresentado a seguir, Patativa culpa seu patrão por tê-la deixado no desengano, o que levou a sua filha à morte, e hoje quem são os culpados da pobreza, da fome e de várias injustiças sociais modeladores do espaço geográfico que precisam ser discutidas na escola em diálogos sobre direitos e cidadania dos sujeitos agentes e objetos do espaço geográfico,

Vendo que não tinha inverno,
 O meu patrão, um tirano,
 Sem temê Deus nem o inferno,
 Me deixou no desengano,
 Sem nada mais me arranjà.
 Teve que se alimentá
 Minha querida Nanã,
 No mais penoso matrato,
 Comendo caça do mato
 E goma de mucunã.
 (Assaré, 2002, p.39).

Como podemos ver no excerto, o poema traz originalidade expressa por suas marcas de oralidade. Nele temos uma das piores secas vivenciadas no Nordeste, causando um cenário de medo da fome e da morte que andavam juntas. A

alimentação da família ficava cada vez mais precária, Nanã morreu de fome em uma triste manhã de agosto, em uma cena tão triste que fica marcada no imaginário do leitor, o terreiro cheio de pássaros cantando tristemente pela morte de Nanã em um coro fúnebre. Dotado de uma fala melancólica, o poema traz o impacto do clima na vida das pessoas. O fator climático do Nordeste é algo impactante para a sociedade que habita nesta localidade, a estiagem é evento preeminente que sempre acontece o geógrafo a Aziz Ab'saber ao falar do domínio morfoclimáticos da Caatinga retrata que

Para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família o fator interferente mais grave reside nas irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos. Na verdade, os sertões nordestinos não escapam a um fato peculiar a todas as regiões semi-áridas do mundo: a variabilidade climática (Ab'saber, 2013, p. 91).

A vulnerabilidade climática é algo que a região Nordeste sofre desde sempre por falta de políticas de convivência. No texto, Patativa traz o seu relato de tristeza e dor em um espaço geográfico marcado pela fome no Nordeste brasileiro. Neste processo, pensar que a goma de mucunã, que é o mesmo capitão ou olho de boi que muitas crianças usam em brincadeiras populares do interior e outras pessoas utilizam com artigo religioso, era usado para alimentação, é algo impensável de ser comestível. É visível que a seca de 1932, causada por questões climáticas e políticas, é algo muito assustador, até mesmo nos relatos dos idosos que ouviram as histórias de seus pais.

Nos fragmentos de texto apresentados temos possibilidades de uso que passam das palavras escritas em versos e poesias para uma análise geográfica do cotidiano e temas regionais. Mesmo não me considerando uma criança que tenha sido bem alfabetizada ou que teve realmente acesso à leitura e aprendizagem como deveria ser, as minhas poucas leituras foram de grande impacto na minha vida. As Literaturas mais adultas foram sempre presentes na minha vida de leitora e continuaram na adolescência.

Mudando um pouco a temática das leituras, a adolescência é uma parte delicada na vida de praticamente todo ser humano, muitas coisas mudam até as escolhas literárias. "A outra face: A história de uma menina afegã" de Deborah Ellis é um livro que conta a história de uma menina Afegã, a Parvana que tinha seu país recém tomado pelo Talibã e enfrenta muitos desafios principalmente por ser mulher e por ter seu pai preso pelo regime dos terroristas. O Afeganistão, como o próprio livro, já foi visitado pelo mundo todo, desde os persas na antiguidade, para tentar dominar

seu território. No pós-Guerra Fria o país foi controlado por um grupo fundamentalista após a expulsão da União Soviética,

Agora o país era governado pela milícia talibã. Eram afegãos, e sabiam muito bem como queriam que as coisas funcionassem. Quando eles assumiram o controle de Cabul, a capital, e proibiram as meninas de ir à escola, Parvana nem ficou tão infeliz. Nesse dia, tinha uma prova de aritmética para a qual não havia estudado e acabou levando uma bronca por conversar na sala de aula. A professora ia mandar um bilhete para a sua mãe, mas os talibãs chegaram primeiro e tomaram o poder (Ellis, 2000, p. 15).

Dentro dos grandes conflitos e guerras existem pessoas que tiveram suas vidas interrompidas por muitas questões que não são suas, mesmo sendo políticas. O talibã impossibilitou que meninas fossem a escola ou até mesmo que as mulheres pudessem andar sozinhas nas ruas. A questão do Afeganistão envolve a política internacional de invasão de territórios subdesenvolvidos de confrontos históricos. Por conta do talibã, meninas como a do livro viveram e presenciaram situações sub-humanas, que a Literatura por meio de sua sensibilidade permite ser observado e dialogado a partir do drama que as pessoas em situação de vulnerabilidade vivem. “Parvana conviveu com bombas durante toda sua vida. Todos os dias e todas as noites caíam foguetes do céu e a casa de alguém explodia” (Ellis, 2000, p. 15). Situações assim quando são apenas apresentados como número perdem a humanidade, é preciso mostrar essa realidade dentro da Geografia, não apenas dados soltos.

Com o tema vulnerabilidade e dados me recordo do poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade, voltando ao meu país. No Brasil, a segurança de muitos trabalhadores é negligenciada e muitas pessoas se colocam em risco nos serviços que são demarcados pela desigualdade social. A questão urbana que o poema traz mostra como a violência faz com que a vida no sistema de cidade se torne banal, assim Drummond escreve que,

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas

e seus sapatos de borracha
 vão dizendo aos homens no sono
 que alguém acordou cedinho
 e veio do último subúrbio
 trazer o leite mais frio
 e mais alvo da melhor vaca
 para todos criarem força
 na luta brava da cidade
 (Andrad,1945).

O trecho expõe a violência que o leiteiro sofre, profissão que está quase se extinguido, sai do subúrbio para entregar seu leite em bairros nobres, o texto é de 1940 e continua sendo atual quando destaca as questões de insegurança causada pela desigualdade social e precarização do trabalho em um cenário urbano. O capitalismo em suas profundas formas de exploração dos serviços e mão de obra, expõe outra característica marcante no texto: o de propriedade privada, o leiteiro foi morto em função de proteger a propriedade que é colocada acima da vida humana, quando se fala que no país ladrão se mata com tiro.

Ainda sobre o contexto urbano, porém mudando de livro, “A moça dos pãezinhos de queijo” do escritor baiano Adonias Filho se apresenta de forma mais leve por ser um romance. O cenário do livro é o Largo da Palma, região que fica no bairro de Nazaré, caracterizado pela Rua da Palma e a Ladeira da Palma, que herdaram o nome da sua Igreja, que também é Palma. Nessa caracterização do espaço descreve as partes que formam os bairros tradicionais de Salvador, ruas tortas e ladeiras. Sobre esta o autor começa esta história com descrição da paisagem, que é o cenário de seu romance, e aponta que:

É PRECISO CONHECER o Largo da Palma, tão velho quanto Salvador, para saber onde fica a casa dos pãezinhos de queijo. Cercam-no os casarões antigos que abrem passagens para as ruas estreitas e para uma ladeira pequena e torta que também se chama da Palma. E, se a praça e a ladeira são da Palma, é porque lá está a igreja que lhes empresta o nome. Humilde e enrugadinha, com três séculos de idade, nada ali acontece que não testemunhe em sua curiosidade de velha muita velha. E, assim de frente para a ladeira que desce no caminho da Baixa dos Sapateiros, vê e ouve tudo o que se faz e fala na casa dos pãezinhos de queijo (Filho, 2005, p.9).

A história é sobre o amor de Célia e Gustavo, a moça era humilde e vendia no ponto embaixo de sua casa pães de queijo que sua mãe fazia. Já Gustavo era um jovem de boa família que nasceu mudo e enfrenta muitos preconceitos dentro de casa de um pai que não aceitava sua condição. A história possibilita ver os julgamentos sociais relacionados às questões do capitalismo nas escolhas das pessoas ao se relacionarem, a mãe de Célia questionava o fato de Gustavo ser deficiente, que era visto como incapaz e a família de Gustavo questionava os interesses Célia em um rapaz deficiente. Apesar de tudo a história tem um final milagroso com uma mística que combina com o cenário da Bahia.

1.2 A Literatura que pude ver antes de ingressar na universidade

O ensino médio, fase em que a aproximação com o ingresso na universidade estava mais próxima, foi um momento de maior acesso a diferentes tipos de livros. O último livro que eu li foi da autora nigeriana Ayòbàmi Adébáyó intitulado de “Fique comigo”, embora fosse um romance com relações humanas como o centro do enredo e com certa mística também, o cenário traz aspectos locais e sociais que nós no ocidente negligenciamos. O livro traz conflitos no cenário, principalmente da década de 1980 e discorre também sobre o início do século XXI, colocando em discussão a relação de como as mulheres nigerianas não têm acesso a certas informações pertinentes à sua vida, além de tratar de uma doença muito grave a anemia falciforme, da maternidade e da cultura.

O livro também contrapõe a visão de uma África pobre, com personagens negros que se formaram na universidade, que são banqueiros, pessoas que possuem bens, médicos e outros profissionais, mesmo passando por conflitos. Para o acadêmico senegalês Sarr (2019, p.9) “acercar-se a um pensamento que se debruça sobre o continente africano é uma tarefa árdua, tão tenazes são os estereótipos, os clichês e as pseudos certezas que, como um halo nebuloso, cingem sua realidade”. Em todos os meios de comunicação e principais por imagens sobre o continente africano a sua realidade é distorcida para uma visão de miserabilidade que escondem a cultura e riqueza do país, é claro que existem mazelas no continente africano, mas não existe somente isso.

Quando pensamos no Oriente temos uma visão tomada pelo preconceito, que a África e Ásia são tomadas por esse olhar sobre sua cultura. “O Caçador de Pipas” e

a “Cidade do Sol” livros do autor afegão Khaled Hosseini, trazem além de temas sensíveis e pessoais, a tomada do Afeganistão pelos soviéticos antes e depois, explicam a religião islâmica, a imposição da burca e todo contexto de formação do Talibã. São livros muito triste e de muita injustiça e sofrimento, que retrata a verdadeira violência e desumanidade que as pessoas comuns vivem em lugares de conflitos históricos. Um fato impressionante é como é retratada a vida das mulheres antes do talibã, elas frequentavam a escola, tinham um vestuário menos restritivo e muitas podiam trabalhar como professoras. Nos livros da sociedade, as armas e violência se misturam em um misto de dor para falar do Afeganistão. O primeiro livro tem como personagens principais homens, mesmo não tendo que usar burca como é imposto as mulheres, eles passaram por vários abusos também, no segundo temos mulheres de idades diferentes em um casamento altamente abusivo ambas com o mesmo homem.

Vários são os temas que a Literatura traz, o desafio a se trabalhar é como aplicar os textos literários nas aulas de Geografia, uma vez que o discurso de que os estudantes se interessam pouco pela leitura se tornou banal dentro dos espaços escolares. Outra vertente é como trabalhar a Literatura sem negligenciar a Geografia, todos os livros apresentados aqui possuem temas que a geografia aborda e poderiam vir esses e outros textos em livros didáticos para facilitar o trabalho do professor em apresentar o conteúdo a partir da Literatura. Aos jovens, o que falta muita das vezes é incentivo mais direto para adquirir o hábito da leitura, nossa sociedade está dominada pelo digital e os jovens são os mais prejudicados pelo excesso de telas que muitas vezes não dizem nada só desperdiçam tempo, em questão a Geografia podemos sim utilizar a Literatura para contextualizar seus diversos temas sejam voltados para as questões físicas ou sociais, é o que vamos ver no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2: O potencial da literatura nas aulas de Geografia

“[...] via a geografia através dos romances.” Ab’Saber (2007, p.47).

A Geografia sendo uma área do conhecimento que pode proporcionar aos estudantes acompanhar as mudanças e os acontecimentos do mundo, sempre se utilizou de vários métodos, ferramentas e recursos para auxiliar na discussão dos seus temas. Nesta seção trataremos da linguagem literária como um potente recurso para as aulas de Geografia. Refletindo o campo de Geografia e Literatura, Marandola e Oliveira (2009, p. 488), destacam que houve em um momento na história Geografia, História e Literatura pouco podiam ser separadas, a história de um povo estava ligada ao controle do seu território e era relatado dentro de sua literatura.

No plano real do mundo os objetos e eventos se misturam e acabam acontecendo ao mesmo tempo. Em um momento mais remoto da história da humanidade, as ciências e a Literatura andaram juntas, as histórias de um povo eram contadas na Literatura e assim Geografia, História e Literatura já formavam uma mesma coisa. O uso da Literatura como um recurso para as aulas de Geografia, é importante porque o espaço não é fragmentado e podemos apresentar aos alunos formas mais contextualizadas de aprender, tendo como um recurso poderoso. A Literatura é para muitos estudiosos, crianças e professores uma fonte de encanto e prazer, mas é também puro conhecimento de mundo e fonte de investigação.

2.1 A Literatura como fonte de investigação geográfica

A ligação da Geografia com a Literatura, por mais que não seja tão discutida dentro dos diálogos mais atuais e nem seja tão contemplada na Universidade, a exemplo do currículo da UNEB, que tem o componente Geografia e Literatura, mas que poucas vezes é ofertado no currículo regular, é uma discussão antiga. Marandola e Oliveira apontam que o estudo da Literatura pelos geógrafos não é recente,

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, desconhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto de processos

físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo). Fascinava os geógrafos do século XIX e da primeira metade do século XX a capacidade de muitos escritores de descrever regiões e lugares que os próprios geógrafos, muitas vezes, ainda não tinham estudado (Marandola e Oliveira, 2009, p.490).

Muitos são os exemplos de geógrafos que no século passado já apontavam quão impressionante é conhecer um lugar a partir de livros escritos sobre cidades ou países de autores que estiveram nestes locais. O professor Cavalcante (2020, p.194) também destaca que “há muito os geógrafos recolhem geografias possíveis da literatura, geografias que os parecem sedutoras por possibilitarem o enriquecimento de seus trabalhos”. A Literatura com a possibilidade de enriquecimento do conhecimento geográfico é pesquisada e utilizada por inúmeros e geógrafos ao longo do tempo. Cavalcante (2020) também traz que,

A literatura, como uma das expressões de nossa condição humana sobre a Terra, nos ensina sobre outras vidas e outros lugares e, dessa forma, muda o mundo daqueles que com ela entram em contato, leitores os mais diversos que por seu intermédio enxergam outros caminhos para si (Cavalcante, 2020, 193).

Marandola e Oliveira (2009) seguindo o raciocínio de Pierre Monbeig (1940) apontam que é impossível investigar o sertão sem ler Euclides da Cunha ou Guimarães Rosa, podemos destacar com essa fala que é impossível investigar Salvador e suas questões urbanas do século passado sem ler as obras de Jorge Amado.

O autor Jorge Amado não só escreve suas tramas sobre o cenário de Salvador, em “Seara Vermelha” ele narra a êxodo dos retirantes nordestinos rumo a região sudeste após serem expulsos da fazenda onde trabalhavam, mas o que chama atenção no livro é a forma que inicialmente é descrito o Nordeste separando-o da questão seca. Para Alves e Santos (2020, p.197) “A narrativa inicia-se apresentando um sertão atípico, antagônico se pensado pelo viés das representações do sertão nordestino na quase totalidade do romance e em outras obras representativas do período,” as chuvas no Nordeste trazem para o nordestino um sentimento de tempos melhores e como os autores apontam não só para as condições climáticas mas para as condições psíquicas e existenciais também. As questões climáticas são só mais um tema da Geografia que pode ser trabalhado na literatura, já que o clima afeta o modo de viver do homem. Neste ponto, é importante se pensar o que queremos com

a Literatura nas aulas, o que realmente deve ter uma atenção maior, a exemplo de o Nordeste não ser apenas seco.

No enredo do clima do Sertão e dos retirantes pode-se pensar o conceito de lugar quando o nordestino tem que sair de sua terra ele perde a possibilidade de residir onde ele primeiro conheceu como lugar em uma relação de afeto e relações. Por mais que o Sertão seja uma extensão grande dentro da região nordeste e suas concepções procedam para escalas maiores, podemos trazer o tema lugar, quando esse repercute questões culturais e do meio físico muito bem demarcadas. A professora Oliveira (2013, p.92) defende que “espaço e lugar são essencialmente inseparáveis e permeiam nossas percepções, nossas atitudes e nossos valores de visão de mundo. A Literatura aqui como em “Serra Vermelha” amplia a visão de mundo que se pode ter do espaço nordestino. A percepção que se tem lugar no imaginário nordestino muda no antes e depois da chuva, o Nordeste é visto com lugar dentro do enredo literário.

Perpassando por autores baianos e investigando os lugares por obras literárias, o livro “Essa Terra” de Antônio Torres, traz fortes relações do retirante com sua terra/lugar. Ao dissertar sobre esta obra que passa no interior da Bahia na região de Feira de Santana, Santos (2020, p. 222) mostra com o livro que na relação do sertanejo com o lugar “o amor à terra de origem não impede que sintam as dificuldades enfrentadas, como a seca, a fome e o abandono.” Na experiência do lugar no mundo real nem sempre se tem percepções positivas e no lugar nem sempre a afetividade está ligada ao que é apenas bom, dessa forma livros como “Essa Terra” são interessantes de se trabalhar nas aulas de geografia, pois

[...] Traz a tona questões do sertão baiano nordestino como a seca, a migração e a dificuldade de adaptação às mudanças. Diante disso, a preocupação em revelar os aspectos indenitários do nordestino é nítida na obra. O romance inicia-se com a narração de Totonhim sobre a história de sua família, residente no interior da Bahia. Quanto ao cenário do romance, o sertão brasileiro, são descritas especificamente cidades da Bahia, como Junco (Sátiro Dias) e Feira de Santana. Faz parte deste quadro a realidade do povo sertanejo come a fome, a seca e suas crenças, assim como seus sonhos e esperanças (Santos, 2020, p. 222).

Lugar e espaço estão sempre sujeitos às transformações da sociedade. Segundo Oliveira (2013, p.93). O que se pode destacar nas transformações da sociedade brasileira é que a História e Geografia do Brasil desde a invasão dos portugueses foi relatada na Literatura. Pero Vaz de Caminha escreveu em 1500 o que

temos hoje como a primeira literatura brasileira, o que dá início a sua primeira escola literária do quinhentismo, onde as novas terras eram descritas por cartas para a sociedade portuguesa do século XVI.

Esse período literário de descrição também condiz com a catequização dos indígenas, então temos nesta literatura uma Geografia descritiva das questões físicas e sociais da sociedade que se formava. Nas cartas do período as secas no interior do nordeste também já eram descritas, como cita Oliveira (2018, p.19; apud Villa, 2001, p. 17) “o Jesuíta Fernão Cardim, que descreveu em detalhes os efeitos causados pela seca no século XVI e a fuga dos índios para o litoral em busca de alimento”. Com isso a Literatura cumpriu inúmeros papéis da formação da identidade do Brasil, desde a descrição do território até a construção da figura herói nacional no romantismo séculos depois, possibilitando o estudo um estudo geográfico e histórico. A Literatura e Geografia juntas proporcionam pensar uma visão de mundo mais ampla, seus campos podem se aproximar e complementar o estudo da Geografia na escola, tomando os devidos cuidados para não misturar as funções e conteúdo.

Ao questionar as professoras regentes dos estágios III e IV se elas julgam ser importante o uso da leitura/literatura durante as aulas de geografia. A Professora 1 respondeu que “*Sim, facilita a compreensão*” (Entrevista concedida em 21/11/2024). E a Professora 2 complementa a fala ao afirmar que respondeu que:

Sim, uso textos, poesias, músicas [...] porque todas as narrativas sejam reais ou imaginárias acontecem ou se referem a um lugar, paisagem ou território (principais categorias de análise da Geografia). Além disso, contribuem na abordagem contextualizada (Entrevista concedida em 22/11/2024).

Com as respostas podemos afirmar que as professoras entrevistadas reconhecem a importância que a Literatura tem enquanto recurso potente para se transpor a realidade nas aulas de Geografia. A Literatura é, como até aqui apresentada, uma forma de contextualizar os fenômenos climáticos, as migrações, as regiões do Brasil, lugar e espaço, entre outros fatores. Com isso, o professor pode usar mais esse recurso para proporcionar uma aula mais dinâmica.

2. 2 O uso da Literatura nas aulas de Geografia

Considerando a fala do professor Aziz Ab’Saber na epígrafe deste capítulo, que diz ver a Geografia em romances, gênero literário da Literatura, podemos afirmar que

a Literatura é um recurso para aprender Geografia, da mesma forma que esta também é um recurso para se ensinar. A Literatura é uma manifestação cultural e sua etimologia remete a letra do latim littera. Há nela uma potencialidade que pode ser destacada na fala de Amorim (2001, p.5) é que “a Literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder”. A Literatura por ser uma expressão artística apresenta críticas e realidades dentro da ficção que as diferentes ideologias podem querer esconder. E verdades ou realidades que escapam das ciências humanas também.

Para ter a Literatura como um instrumento de educar é preciso conduzir o aluno a uma leitura criativa. Para Cruz (2012, p. 67) “é preciso ler recriando o que foi lido de forma penetrativa, pois se faz necessário que todo aluno seja criador de pensamentos e não recipiente de conteúdo.” A geografia tem um vasto leque de assuntos, por isso o professor deve procurar recursos para ajudar na reflexão dos mesmos para que na aula ela não faça apenas um derramamento de informações. Ao questionar as professoras entrevistadas se elas costumam levar leituras de obras literárias para suas aulas, a Professora 1 respondeu que, “*peelo menos uma vez por semana*” e a Professora 2 respondeu que, leva “*textos pequenos, poesias e músicas que são pertinentes a alguns temas abordados*”. Levar a Literatura para a aula é colocar o aluno como centro da discussão, dando a ele a possibilidade de refletir sobre um tema dentro de contexto indo além do apresentar e do transmitir o conteúdo.

O uso da Literatura como um recurso oferece vantagens à construção do saber e interação dos estudantes aos conteúdos que serão apresentados sem fragmentação e dentro de um tempo e espaço criado por ela. O mundo como uma totalidade não nos permite ver divisões no dia a dia, as escalas que se usa na Geografia se misturam e se complementam, como lugar e espaço. Na visão de Morais e Callai,

[...] A relação entre os conceitos geográficos e o texto literário nos remete a uma em entendimento que considera compreender o mundo de maneira não fragmentada, e sim como parte de um todo, que se relaciona e que é plural. Essa maneira diferenciada de tratar o conhecimento vai ao encontro de uma formação que vise formar sujeitos críticos, que reflitam e que compreendam o mundo ao mesmo tempo em que estabeleçam relações com a realidade (Morais; Callai, 2020, p. 322).

A formação de sujeitos críticos é justamente um dos pontos para discutir a educação geográfica, que se difere do ensino quando busca ir além de passar a matéria para o cumprimento do componente escolar. Para Callai (2020), vale discutir

educação geográfica quando a intenção de ensinar Geografia seja dar conta de explicar e compreender o mundo, de se situar no contexto espacial e social em que se vive, de construir um mundo mais justo para a humanidade, então está sendo cumprido o papel educativo de ensinar Geografia. E assim se pode discutir visão de mundo e a construção do conhecimento de forma que seja significativo para o estudante.

A construção coletiva se faz importante uma vez que a escola é um ambiente composto por pessoas diferentes com diferentes culturas e condições, a Geografia a ser trabalhada precisa pensar nestas questões. “Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios.”(Cavalcanti, p.45, 2012) A ideia da construção da Geografia no ambiente escolar precisa compreender o estudante como modificador da realidade e que este precisa não só conhecer a sua realidade como também compreender da realidade do mundo, lugares e paisagens que estão distantes de seu campo de visão, mas que em um mundo globalizado o local e global influenciam um ao outro.

Não se pode esquecer que a Literatura é arte, e nela tem beleza assim como nas paisagens e nos outros temas da Geografia. Em reflexão sobre as falas de Calvino a neurocientista Maryanne Wolf (2019, p.102) diz que “[...] preocupo-me com o fato de que estamos a um breve passo de deixar de reconhecer a beleza no que está escrito”. Nenhum ser humano nasce sabendo ler, a leitura é uma função aprendida que acompanha a humanidade a muito tempo e ela tem um papel fundamental na sociedade, sua falta pode até afastar o homem de sua liberdade, é o que propõe a autora. A educação como um todo vem sendo ameaçada pelas inúmeras tecnologias que encontram os jovens que ainda não tem suas opiniões formadas, mesmo a tecnologia sendo uma inovação necessária, a sociedade está deixando de ver a beleza das coisas e principalmente da Literatura.

Em se tratando de liberdade, o professor Milton Santos (1987, p.62) trata ela como conquista a se manter, ao mesmo ponto em que ele destaca que a cidade se aprende. Se for deixado de lado a importância da leitura, o professor estará colocando em risco a liberdade e a Geografia que muito pode contribuir com uma formação cidadã. O professor pode trabalhar a Literatura como uma forma de resistência ao incentivar uma leitura voltada para visão de mundo que interesse aos alunos.

É importante se pensar como o estudante aprende e como se pode ensinar. Na mesma linha de ensino, Jose Moram diz que “[...] aprendemos o que nos interessa, o que encontra ressonância íntima, o que está próximo do estágio de desenvolvimento em que nos encontramos.” (Moram, 2018 p.38) O autor, fala de metodologia, com isso faz-se pensar a literatura um recurso de ensino muito interessante poder cativar os estudantes, aproximando-os com temas que sejam próximos a eles. Foi questionado na pesquisa se as professoras conhecem e se elas conseguem identificar quais leituras os jovens se interessam, e as respostas tiveram um final semelhante. Para a Professora 1 as leituras que interessam são: *“geralmente as mais atuais, que faça relação com filmes e séries”* (Entrevista concedida em 21/11/2024) e a Professora 2 “[...] percebo que se interessam por temas relacionados com a vida cotidiana: *Atividades econômicas, crescimento da população, migração [...]*” (Entrevista concedida em 22/11/2024).

Seguindo com as falas das Professoras entrevistadas, questionamos se a Literatura como uma forma de contextualizar o conteúdo consegue servir de exemplo em temas diversos? E pedimos para justificar, assim a Professora 1, diz que *“Sim. Ela nos permite uma viagem em vários campos de conhecimento”* (Entrevista concedida em 21/11/2024). A Professora 2, diz que,

Sim. A Geografia aborda a relação humana sobre a natureza. Essas relações sociais são extremamente complexas, diversas, assimétricas, e muitas estão implícitas. Portanto, a contextualização possibilita a compreensão mais eficaz dos temas discutidos para a aprendizagem mais significativa [...] (Entrevista concedida em 22/11/2024).

Para as professoras, a Literatura se mostra importante para contextualizar o assunto e outra pergunta muito importante feita as professoras é se a escola onde elas trabalham fornece livros literários que possam ser utilizados nas aulas de Geografia, a Professora 1 respondeu que não, enquanto a Professora 2 respondeu que, *“sim. O cortiço, Vidas Secas, Os Sertões, Grande Sertão Veredas, O Continente, Triste Fim de Policarpo Quaresma.....”* (Entrevista concedida em 22/11/2024). Aqui podemos ver que trabalhar com a Literatura pode ser mais difícil em alguns lugares do que outro, quando professor não tem recursos suficientes.

Como podemos perceber com as entrevistas os estudantes gostam de temas que fazem parte da sua vivência ou que seja relevante o cenário mundial. Desta forma, é importante tentar cativar os estudantes para que o ensino seja pra eles significante. No próximo capítulo serão apresentadas as falas de alguns alunos e as atividades que

foram realizadas nos estágios III e IV, a fim de continuar a reflexão quanto a Literatura ser um potente recurso para as aulas de Geografia.

CAPÍTULO 3: Literatura e Geografia no Estágio Supervisionado

“Aquele que é um verdadeiro professor toma a sério somente as coisas que estão relacionadas com os seus estudantes, inclusive a si mesmos” (Nietzsche apud Alves 2014, p. 29).

Nos cursos de formação de professor, o estágio é um momento em que o estudante se põe à prova, onde se pode testar e até errar. Muitos estudantes o aguardam com temor por ser uma etapa que está sempre nos semestres finais dos cursos de licenciatura. Os estágios são sempre um período de muito trabalho para ser feito na preparação das aulas e matérias para a regência. Com a fala de Nietzsche, podemos nos guiar a buscar o que realmente importa aos estudantes, mesmo que sejam muitas as cobranças e inseguranças, o momento mais importante do estágio é a sala de aula e as questões que estão relacionadas aos alunos.

O ESG é um componente curricular do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia que demanda bastante tempo para preparação das aulas, leitura dos textos específicos e preparação de materiais didáticos. Tal componente curricular, torna-se um preparo para vida profissional do futuro professor, sua importância está no desafio do discente frente à realidade da sala de aula, onde a teoria ganha sentidos mais amplos ao decorrer da prática. Neste caso, o grande desafio é transformar o saber acadêmico em um saber escolar, de modo que a comunicação entre professor e aluno se torne eficiente no processo de aprendizagem. Dessa forma, o estudante tem que buscar apresentar de um jeito mais simples o conhecimento que desenvolveu na universidade, trabalhar e testar diferentes recursos, experimentando também se ver como professor, atentando-se a forma de se comunicar e se apresentar perante as turmas.

O ESG funciona como, uma transição da sala da universidade para sala de aula da escola assistida e orientada pelos professores do componente curricular e pelo professor supervisor responsável pela turma. Segundo Santos (2020, p.121), o Estágio Supervisionado é um “[...] espaço--tempo que permite ao acadêmico transitar entre diferentes contextos, construir e enunciar sentidos discursivos, promover uma mediação reflexiva entre a universidade, a escola e a sociedade”. Assim, o estudante tem a oportunidade de vivenciar estes espaços e desenvolve o sentido de ser professor na prática. O estágio expande a visão do graduando sobre a educação e

seus espaços por meio da vivência, assim para Bittencourt, Miquelin e Silva (2007. p.89) o Estágio Supervisionado:

[...]Tem por objetivo geral proporcionar ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos necessários ao desempenho de suas funções. Especificamente busca-se, através dessa prática, favorecer a vivência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos no curso, bem como, favorecer por meio da diversificação dos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos estagiários. (Bittencourt, Miquelin e Silva, 2007. p.89).

Buscando dialogar sobre a importância do estágio, este capítulo aborda como foram desenvolvidas as atividades voltadas para a investigação do uso da Literatura como um recurso de ensino da Geografia no estágio supervisionado. Partindo da ideia inicial de trabalho, foi necessário delimitar o lócus de pesquisa: O primeiro local de estudo foi a Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira, que oferta o ensino fundamental anos iniciais e anos finais. Conforme apontado na introdução deste trabalho, a escola está localizada na Rua Margem Rio do Ouro, no bairro do Leader na cidade de Jacobina-Ba. O segundo local de pesquisa foi o Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, que tem turmas de novo ensino médio, ensino médio em tempo integral e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a instituição está localizada na Praça Presidente Kennedy, nº 200 no Bairro Estação na cidade de Jacobina.

3.1 Experiência com o uso da Literatura no Estágio Supervisionado em Geografia III

Reconhecendo o campo de pesquisa que foi as escolas onde ocorreu o estágio obrigatório na cidade de Jacobina, conforme apontado na introdução deste trabalho, o curso de licenciatura em Geografia tem o Estágio Supervisionado em Geografia III como um componente obrigatório do seu currículo, com uma carga horária de 105 horas. O cumprimento da regência do ESG III ocorreu no primeiro semestre de 2024, no Colégio Municipal Armando Xavier de Oliveira, em uma turma de 6º ano.

Durante a pesquisa, foi observado o espaço e funcionamento do ensino fundamental anos finais na escola. A instituição possui 10 salas de aula, biblioteca, refeitório, sala de informática, sala de professores, pátio de recreação, sala de atendimento educacional especializado (AEE), cantina, secretaria, diretoria, sala de coordenação.

Figura 1: Fachada da Escola Armando Xavier de Oliveira



Fonte: Araújo, Pablo, 2024.

Durante o estágio, primeiro houve a observação da escola e dos alunos. Já nas primeiras observações, foi perceptível que boa parte da turma não tinha um bom desenvolvimento da leitura, este 6º ano é formado por pré-adolescentes que enfrentaram um longo período pandêmico (Covid 19) para a educação nos seus principais anos de desenvolvimento no Ensino Fundamental Anos Iniciais. Este é um ponto que deve ser destacado, porque esses meninos e meninas, em um momento que precisavam estar na escola ficaram em casa, afastados do convívio escolar e do auxílio dos professores.

Visto as dificuldades dos alunos com a leitura e em acompanhar as aulas, trabalhar a Geografia de forma lúdica e contextualizada¹, se faz necessário para diminuir a dispersão dos alunos nas aulas. O professor de Geografia não é um alfabetizador, todavia, a falta de letramento dos alunos dificulta muito o processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, mesmo boa parte da sala não tendo um bom desenvolvimento da leitura, procuramos levar algumas leituras, a regência foi iniciada no dia oito de março e encerrou dia quatro de julho de 2024.

Durante as aulas, foram trabalhadas duas unidades temáticas, a primeira: “As paisagens e as representações do espaço”, como objetos de conhecimentos, sendo identidade sociocultural; transformação das paisagens naturais e antrópicas; e

¹ Trechos das informações sobre o ESG III encontram-se disponíveis no blog desenvolvido no componente curricular. <https://estagio-iii.webnode.page/?authuser=0>

fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras. Os três primeiros textos dialogam sobre paisagens e o último foi voltado para a unidade temática: A Terra e sua dinâmica, tendo como objetivo de conhecimento: as relações entre os componentes físico-naturais e os fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras. Vale salientar que estas informações constam no blog desenvolvido durante o componente curricular como atividade avaliativa.

Considerando que foi escolhido trabalhar com as metodologias ativas para aplicação da regência em sala de aula, em que o aluno é o centro de sua aprendizagem, a Literatura como ferramenta de ensino para a Geografia permite dialogar questões de interesse dos alunos no âmbito social, podendo assim desenvolver seu próprio conhecimento.

As metodologias ativas são entendidas como práticas pedagógicas alternativas ao ensino tradicional. Em vez do ensino baseado na transmissão de informação, da instrução bancária, como criticou Paulo Freire (1970), na metodologia ativa, o aluno assume uma postura mais participativa, na qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isso, cria oportunidades para a construção de conhecimento (Valente, 2018. p.78).

As metodologias ativas tem o aluno como protagonista no ensino, buscando sempre uma atividade reflexiva, onde se aprende fazendo. Dar espaço para o aluno desenvolver seu próprio conhecimento não é deixar o assunto solto, mas sim proporcionar atividades direcionadas à reflexão. Dessa forma, podemos trabalhar contextualizando ao máximo a Geografia com o dia a dia dos alunos.

Os textos trabalhados foram uma forma de mudar um pouco a dinâmica das aulas e foram combinados com desenhos, pinturas, aulas expositivas, apresentação de imagens e outras atividades para que a leitura também não se tornasse algo enfadonho. No início, os alunos apresentaram um certo receio da leitura. Além da insegurança, a turma era bastante inquieta, cheia de conversas paralelas e interrupções por atrasos dos que sempre entravam na sala por último. Mas depois de muito diálogo, aceitaram sentar-se em dupla para ler ou ler algum trecho dos textos durante as aulas. Deixando claro que todos estávamos ali para aprender e ficou certo de que dar risada do erro do colega era proibido.

O primeiro texto foi o mais sério e complexo, por se tratar de uma poesia "O mundo não se fez para pensarmos nele", mas era mais um teste do que de fato uma atividade e a intenção era trabalhar em duplas. É nítido que apenas a proposta de leitura feita pela professora de geografia não seria o suficiente, mas foi um começo

para mostrar aos meninos(as) que sem a leitura seria bem mais árduo a aprendizagem dos conteúdos. O poema é do escritor Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), ele foi utilizado para conversarmos sobre as coisas do nosso dia a dia, as quais não refletimos. Como estávamos falando das mudanças nas paisagens achei pertinente, porque o autor fala que tem pelo mundo um pasmo como uma criança ao ver o mundo pela primeira vez. Nosso mundo que é jovem para nós que estamos vendo-o agora, já possuiu outras configurações, diferente do poema precisamos pensar nele.

Com o poema foi discutido os outros sentidos em que a paisagem pode ser percebida, não é só a visão que temos em um determinado momento, mas também a percepção do olfato, paladar, o tato e a audição. Para Nogueira (2020, p. 14), “nossa dimensão humana nos faz perceber o mundo com nosso corpo”, no poema diz “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos” desse modo podemos pensar as paisagens como sendo a percebida não apenas pela visão, mas por todos os sentidos.

Nas aulas anteriores de coparticipação foi introduzido, a partir de vídeos e conversas, o que é a transformação das paisagens. Buscamos trabalhar com a definição de paisagem, do livro didático Geografia Território e Sociedade (Lucci; Branco; Fugii; 2018, p. 15), sendo a paisagem “a porção do espaço que podemos ver e perceber em determinado momento”. Como o livro didático do colégio não era suficiente para todos os alunos e já não era trabalhado pela professora da turma, foi trabalhado com um outro livro didático como guia para ensino dos conteúdos por ser mais simples e completa a sua forma de comunicar.

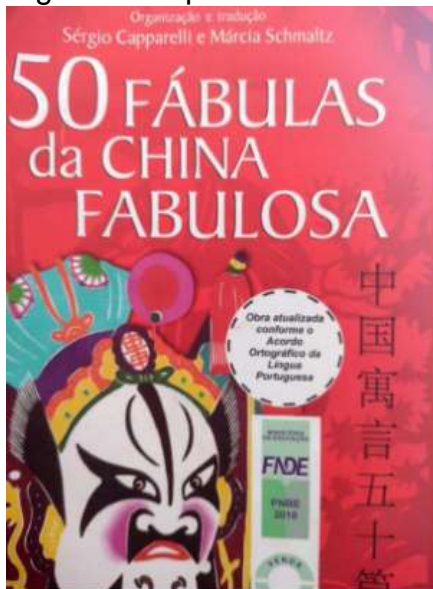
A poesia trazia sentimentos do eu lírico a partir do que ele via e percebia, já que ele descrevia o sentir o mundo e o não pensar o mundo. Com isso, foi questionado sobre o que eles observavam das paisagens que compunham os seus trajetos até a escola e quais sentimentos essa paisagem traz, poucos falaram e disseram não saber o sentimento que a paisagem trazia. Essa poesia foi apresentada no primeiro dia de regência, fizemos a leitura, mas os meninos estavam tímidos na discussão lemos duas vezes, a primeira vez foi de forma coletiva e a segunda vez eu li para eles. Poucos quiseram ler e estavam sempre procurando se era para fazer cópia, se deveriam escrever algo.

A reação dos alunos ao texto de início foi de desinteresse ligada a ideia de que fosse algo difícil que daria trabalho, mas após a leitura eles viram que era simples e mais interessante do que eles pensavam. Essa questão de separar material didático para o estágio é algo que pesa bastante para o estagiário, tornando-se uma

preocupação constante. Usar a Literatura neste momento foi algo que facilitou este processo no meu caso que não tenho aptidão artística para desenvolver maquetes ou construir ilustrações a mão. Esses materiais são todos importantes na aula para não ficar só o professor falando e o aluno sem interagir.

O texto 2 trabalhado foi a fábula chinesa, “O velho louco que removeu as montanhas” do livro “As 50 Fábulas da China Fabulosa”, organizado e traduzido pelo autor Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz, para discutirmos a capacidade que o homem tem em modificar as paisagens. A fábula foi usada para trabalhar a questão da técnica e a paisagem, pois é a partir do desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que o homem consegue modificar as paisagens naturais e culturais. Logo, a aula foi a introdução aos conceitos de técnica, tecnologia e trabalho humano na construção das paisagens. Por ser um livro que fala de uma outra cultura, o livro utilizado chama bastante atenção, sua capa faz um grande apelo para aquilo que já é comum se pensar da cultura chinesa que é a cultura samurai (Figura 2).

Figura 2: Capa do Livro utilizado na aula



Fonte: Neris, maio de 2024.

Como podemos ver na figura, as maquiagens, vestimentas e os símbolos são o destaque na apresentação da obra. A fábula fala de um homem que um dia resolveu retirar de frente de sua casa duas montanhas e colocá-las no mar. No início todos o chamavam de louco e ele começou sozinho, depois seus parentes e vizinhos foram ajudando ele, mesmo questionado sobre quanto tempo aquilo duraria o velho afirmava que mesmo depois de sua morte teria os filhos de seus filhos para continuar seus trabalhos. A mensagem aqui é que mesmo as coisas que parecem absurdas podem

ser construídas pelo domínio das técnicas, a cidade de Jacobina onde a escola se localiza está em local que possibilita a visualização das Serras da Jacobina para imaginação dos alunos, é um exemplo.

A fábula usada mostra perfeitamente como o homem transforma as paisagens e como às vezes as ideias que parecem impossíveis de se tornarem reais quando um grupo se envolve. Considerando o pensamento de Santos (1994, p.57) que, “em qualquer que seja a fração do espaço, cada variável revela uma técnica ou conjunto de técnicas particulares”, que a partir da mudança na forma de produção, o homem vai transformando a paisagem ao redor em algo que se adequa com seu novo estilo de vida. Após a leitura, os alunos foram questionados se podemos modificar de forma tão marcante a nossa paisagem. Outro questionamento foi sobre qual ação humana é capaz de transformar o espaço e as paisagens, neste caso a ação do trabalho, que através da técnica vai transformando e moldando o espaço geográfico.

Os questionamentos foram feitos através de perguntas no quadro e dessa vez a interação e participação foi maior. Através do exercício pode-se trabalhar a interpretação de texto, pois antes da leitura foi feita uma pequena exposição do assunto que foi trabalhado nas aulas de coparticipação. Os alunos conseguiram responder as questões de forma escrita com ajuda da estagiária e da professora regente, e na hora da correção muitos participaram do diálogo. A questão do trabalho e da técnica foi trabalhada melhor em uma outra aula com uso de slides e imagens.

O texto 3, ainda estava dentro do assunto de paisagens e também foi discutido através de questões no quadro. No texto “Aroma e cheiro que entram pelo nariz”, da autora Anna Veronica Mautner, é retratada a cidade que o narrador morou na infância e que ainda reside. A partir de seus cheiros um trajeto foi descrito no texto, cada lugar tinha um aroma especial, e isso com o passar do tempo foi mudando.

Descrevendo o percurso de sua casa até o seu colégio a partir dos aromas e odores, a personagem principal descreve como era o vai e vem no passado antes da cidade ficar cheia de carros e ônibus que afastam as pessoas dos aromas das calçadas. O texto serviu para destacar que além da visão a paisagem é sim percebida por outros sentidos também, e que os aromas criam memórias olfativas capazes de descrever e diferenciar muito bem um ambiente.

As questões feitas ao estudante remetem a interpretação da questão geográfica, da paisagem, do antes e depois e quais elementos denunciavam que o texto falava do passado. Assim, perguntei qual a forma de transporte era utilizada no

texto que já não é usado mais, que é o bonde, dessa forma podemos falar também do que mudou na forma de locomoção do homem, a globalização tem como um ponto forte o avanço tecnológico que impacta diretamente a vida do homem. O que muda não é só a estética dos automóveis, mas a rapidez que o homem percorre grandes distâncias e o que isso ocasiona para a sociedade. Outra questão é a poluição das cidades e a queda na qualidade de vida, que pode ser percebida no próprio texto quando se compra presente e passado.

O texto 4, do livro “Planeta e estrelas” de Pierre Winter, retrata o sistema solar a partir da observação do Sol e das estrelas. A partir de balões ele traz os conteúdos da unidade que começou a ser trabalhada depois de paisagens. O texto foi apresentado na televisão, porque não tem um livro para cada aluno e foi uma ótima experiência, pois a leitura aconteceu de forma coletiva, uma vez que, vários alunos se propuseram a ler trechos pequenos e o diálogo sobre o assunto “sistema solar” e movimentos da Terra, foi bem proveitoso.

Figura 3: Estudante que auxiliou a passar o texto na televisão



Fonte: Neris, Maio de 2024.

Como estávamos discutindo o sistema solar, o livro possibilitou uma contextualização em forma de história. Ele começa discutindo os movimentos do planeta Terra, o que é a Terra, o que o Sol representa no nosso sistema, retrata as fases da lua, a via láctea, as viagens dos homens a lua, dar definições dos planetas e termina falando sobre a observação do céu, dando destaque para os meteoros e constelações. É com base nas observações dos astros que o homem cria modos e estratégias para se localizar no espaço, esse assunto é importante para se poder

trabalhar com orientação espacial, que é a capacidade de perceber e compreender a posição e o relacionamento de objetos no espaço tridimensional.

Figura 4: Partes do livro Planeta e estrelas de Pierre Winter



Fonte: Neris, maio de 2024

O livro possui muitas imagens didáticas, como representada na figura 4, antes de falar dos planetas e astros que estão no espaço ele começa com a observação do céu, algo simples que fez com que o homem desenvolvesse vários estudos que temos hoje. É algo que também está no cotidiano dos alunos, no início da discussão em uma aula anterior sobre os movimentos da Terra um aluno ficou surpreso ao saber que o Sol não gira em torno da Terra, porque ele via o movimento aparente que o sol faz. Coisas simples discutindo o dia a dia interessa bastante os alunos.

Ainda falando sobre os movimentos da Terra quando se trabalha as estações do ano e o professor pede para eles relatarem as mudanças que eles percebem, é possível ver o quanto de conhecimento que eles possuem e gostam de trabalhar quando suas falas são consideradas. A pergunta que gerou maior interação dos alunos quanto às estações do ano foi sobre a percepção do dia e da noite, refletimos que quando começamos as aulas todas às terças quando a aula terminava ainda tínhamos muita luz solar, mas quando estávamos encerrando a unidade, quando a aula terminava já era quase noite. Depois desse exemplo tiveram vários outros como os que acordam mais cedo e conseguem ver o dia amanhecer mais cedo ou mais tarde.

Dar espaço para que os alunos construam suas próprias conexões é fundamental, assim como revisar com eles o que se aprendeu durante a unidade. O texto 4, diferente dos anteriores, foi utilizado como uma conclusão da unidade temática e foi muito bem aproveitado. Os alunos conseguiram fazer um elo da leitura com o que eles já haviam aprendido e puderam fazer novas interações.

O uso dos textos com a turma que eu fiquei no estágio do 6º ano B, de certo modo foi complicado porque muitos alunos não conseguiam lidar com tanta desenvoltura, mas tal fato não prejudicou a aplicação dos textos nem a avaliação dos estudantes, que mesmo realizando uma prova escrita tiveram suas notas distribuídas em outras atividades lúdicas. A literatura aqui trabalhada foi utilizada como uma ferramenta de ensino, sendo ela a introdução do assunto como o texto 1, parte do desenvolvimento como o texto 2, uma revisão/exercício, que já foi discutido com o texto 3 ou uma conclusão com o texto 4, que foi apresentado ao final do conteúdo.

Após aceitação da pesquisa pela Plataforma Brasil, foram escolhidos dois alunos dentre os que mais frequentaram as aulas durante o ESG e que mais participaram das aulas de forma ativa. Os dois alunos (entrevista concedida em 30/10/2024), foram questionados se eles gostavam de ler, os entrevistados responderam que sim e que estavam se desenvolvendo cada vez mais, os dois gostam de geografia e suas dificuldades se encontram em ter que escrever. Em relação aos textos trabalhados, eles gostaram de todos e afirmaram que o poema foi o mais difícil para eles.

No que concerne ao trabalho com a Literatura nas aulas de Geografia, os alunos participantes da pesquisa afirmaram que é uma boa ideia trabalhar com a Literatura nas aulas de geografia porque ajuda a melhorar o ler e aprender o conteúdo. Os estudantes gostam da disciplina de Geografia e mesmo eles tendo algumas dificuldades, o uso da Literatura pelos alunos foi recebido de forma positiva.

Na primeira parte da pesquisa que foi realizada no ensino fundamental, o uso da literatura nas aulas de Geografia se mostrou bastante eficaz, tendo a aprovação da professora e dos estudantes. A mesma abordagem, mudando apenas a metodologia e o conteúdo foi realizada no ensino médio, que será discutida a seguir.

3.2. Experiência com o uso da Literatura no Estágio Supervisionado em Geografia IV

O Estágio Supervisionado em Geografia IV, que é o último estágio obrigatório do currículo do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, foi uma experiência totalmente diferente do ESG III, a turma onde foi realizada a regência era bem tranquila e dedicada à realização das tarefas sugeridas. A turma é da 3ª série, Tempo Formativo, do colégio estadual Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro- CEDBC, do turno da noite. Uma das que mais tem alunos e quase todos frequentam bem as aulas. É um público misto com pessoas mais jovens e adultos mais velhos. O colégio está localizado na Rua Presidente Kennedy, 200, no bairro Estação, a instituição trabalha com o ensino médio com turmas do Integral e com a EJA.

Figura 5: Fachada do colégio estadual Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro



Fonte: <https://maispolitica.com.br/2022/08/04/governo-abre-concurso-para-professor-e-coordenador-pedagogico-sao-22-vagas-para-professor-e-03-para-coordenador-em-jacobina/>

Como se trata de uma turma EJA/Tempo Formativo, o método escolhido foi o Método Paulo Freire, já apresentado na introdução, o qual todos aprendem juntos, professor e aluno. Tal método preza pelo conhecimento que o aluno já possui, suas relações com o mundo ao redor, dessa forma as experiências de vida dos estudantes que servem para contextualizar os assuntos trabalhados. Durante as aulas realizamos alguns momentos expositivos, sempre convidando o aluno para o diálogo. Para Feitosa, em sua tese de mestrado:

A proposta de Freire parte do Estudo da Realidade (fala do educando) e a Organização dos Dados (fala do educador). Nesse processo surgem os Temas Geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O

importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida (Feitosa, 1999, p.1).

Nesta perspectiva, o professor é um organizador, seu trabalho não é transmitir o conteúdo, mas sim, conduzir um diálogo a partir das experiências de vida dos alunos. Feitosa (1999) aponta que o método de Freire parte de dois princípios, um sendo a *politicidade* do ato educativo, onde o estudante reflete durante todo processo de ensino sobre a sociedade e o seu papel nela; o outro princípio é o da *dialogicidade* do ato educativo.

Portanto, o uso da Literatura como um recurso de ensino conversa com a metodologia de Freire no ponto em que o autor defende a leitura do mundo como anterior a leitura e a escrita, assim podemos dialogar sobre a Geografia descrita nas páginas dos livros literários. O mundo e as relações que construímos precisam ser lidos para compreender a nossa sociedade. A Literatura é algo libertador e possível de críticas e reflexões na contextualização dos conteúdos.

Ao contextualizar os objetos de conhecimento, ou seja, aproximar da realidade vivida pelo aluno, a aprendizagem se torna significativa, podendo a aula se tornar ainda mais rica com a troca de saberes. O ensino se torna contextualizado quando o professor busca trazer elementos do dia a dia dos estudantes para sala de aula, e didático quando se busca expor o conteúdo e avaliar de modo a trazer mais recursos. O aluno, 1º entrevistado do ensino médio, afirma que “*Com a leitura, temos a possibilidade de acessar novas informações e novas descobertas. Possibilita compreender não só as relações sociais, mas também fenômenos da natureza.*” (Entrevista concedida em 14/11/2024).

Logo, trabalhar com o Método Paulo Freire é uma tentativa de melhor se comunicar com os estudantes trazendo-os para o debate sobre a realidade que os cerca. Nesta tentativa de se comunicar é possível trabalhar com a Literatura, dando ao professor de Geografia recursos para dialogar com os alunos de forma mais lúdica, tirando o foco da interpretação do professor e abrindo para as formulações dos alunos.

Por conseguinte, trabalhamos com os seguintes temas: “Principais movimentos migratórios; Processo de urbanização do Brasil; e Populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas e demais minorias”. O tema que mais foi trabalhado com o uso da Literatura foi “Movimentos migratórios”, no qual tivemos o uso de dois textos Literários e uma música, que também é uma forma de arte. O primeiro texto foi o poema Sou Migrante do poeta angolano Moisés Tiago António, disponível no blog

migramundo.com. O autor retrata a situação dos migrantes, que é um drama vivido em várias partes do planeta.

Sou Imigrante dalém
 Lá do outro lado do oceano
 Forçado a abandonar o país
 Sim o país de origem
 Que há séculos venho lutando
 Querendo viver
 Batendo as portas nunca descerradas
 Sempre encerradas
 Não tenho terra
 Lá de onde eu venho
 Do qual vós chamais
 ou dizeis ser minha terra...
 Eu era igual uma flecha
 Querendo ir pra frente
 Eu era cada vez mais puxada pra trás
 Com mais força!
 E de tanto me puxarem
 Fui lançada veementemente
 Para atingir o alvo
 E vim aqui parar!
 (Antônio, 2017).

O poema revela que, quando se pensa os problemas da imigração, é visível o apego pela terra, seu local de origem e dos motivos que causam esse fenômeno. Podemos citar as guerras, problemas econômicos e a busca por uma vida melhor. Para Marandola e Galo (2010, p.409) a resposta para o que é ser migrante está na territorialidade e na existência, no sentido de Lugar e ser. Este ser como aponta o poema é forçado a abandonar suas origens. Com este poema podemos revisar o que é território, o que é povo e que torna o Brasil um território. Para completar o texto foi apresentada a música “Diáspora” do Trabalhistas,

Onde está
 Meu irmão sem irmã?
 O meu filho sem pai
 Minha mãe sem avó?
 Dando a mão pra ninguém
 Sem lugar pra ficar
 Os meninos sem paz
 Onde estás, meu Senhor
 Onde estás?
 Onde estás?
 (Trabalhistas, 2017).

O “sem lugar pra ficar” apresentado na música é uma realidade muito marcante na vida dos imigrantes que são refugiados de guerras ou de perseguições étnico

religiosas. É apontado também os laços que são quebrados das pessoas sem seus familiares, tudo isso implica no ser refugiado. Marandola e Galo (2010, p.409 apud Casey, 2001) “afirma que não há lugar sem homem, nem homem sem lugar”. O lugar é uma parte das pessoas que ao serem forçadas a deixar o seu território, a pessoa também perde uma parte de si próprio.

Seguindo a questão dos migrantes foi apresentado o livro “O vento do oriente” produzido pelo IBGE, para homenagear a imigração japonesa no Brasil. Este livro tem a questão de ser um mangá, o que chama muito a atenção dos jovens, mas que se tornou um desafio para os alunos mais velhos, que não tem costume de leitura e culturalmente não utilizam esse tipo de entretenimento. O livro aborda a questão da vinda dos japoneses para o Brasil e serviu para introduzir também a questão da urbanização do Brasil.

Figura 6: Página do livro O Vento do Oriente



Fonte: Neris, novembro de 2024

Na figura 6, podemos ver uma explicação sobre o impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos migrantes japoneses, o que ocasionou muitas inseguranças para esta população. Segundo o IBGE (2008), a comunidade nipônica no Brasil soma um total de 1,5 milhões de pessoas e sua cultura é muito forte principalmente no estado de São Paulo. O livro conta a história de dois adolescentes que vão para uma viagem

no tempo e acabam chegando em dois momentos iniciais da imigração japonesa no Brasil, o pós Segunda Guerra Mundial foi um momento difícil, alguns migrantes aceitavam a derrota do Japão, outros não e eles acusavam de traição os que aceitavam a derrota. Foram muitos os problemas que estes imigrantes encontraram, o livro destaca que eles foram até proibidos de falar seu próprio idioma quando chegaram ao Brasil, muitos vieram enganados por falsas promessas de ganhar muito dinheiro e terras, mas quando chegaram encontraram trabalhos onde ganhavam muito pouco.

Vale salientar que não se tem só problemas. É apontado também a importância deste povo na cultura do país, quando os japoneses chegaram eles encontraram problemas quanto à alimentação que era muito diferente e logo encontraram formas de produzir artigos de sua terra para as comunidades de origem japonesa no Brasil. Eles produziam molhos e bebidas típicas e trabalhavam no comércio. Em seu artigo Marandola e Galo (2010, p.413) comentam sobre a questão territorial de ser migrante, as dificuldades e as possibilidades que o presente traz “Os migrantes passam a adquirir domínio/ controle espacial do local de destino, gerando territorialidades ao recriar seu território idenitário”. No livro “O vento do oriente” podemos ver a recriação idenitária dos japoneses para criar no Brasil um sentimento de territorialidade. Para introduzir este livro se fez necessário toda uma revisão da história dos imigrantes europeus no país, explicando por que motivos eles vinham e o contexto histórico. De modo, para aprofundar o conhecimento dos alunos sobre o texto foi realizada uma atividade guiada por questões para um maior direcionamento do tema.

Devido ao pouco tempo para a regência do estágio, por este acontecer no final do ano letivo, não foi possível acrescentar outras leituras, embora o uso da Literatura enquanto recurso nas aulas de geografia tenha sido positivo, e com boa aceitação dos alunos. Os quatro alunos entrevistados, na entrevista concedida em 14/11/2024, responderam que sim, quando questionados se a Literatura ajuda a compreender o conteúdo estudado. Eles também responderam que é uma boa ideia trabalhar a literatura nas aulas de geografia.

Durante o estágio foi levado em consideração que a turma era formada por pessoas que trabalham durante o dia e não possuem muito tempo para realizar muitas leituras extensas em casa. Mesmo com o pouco tempo, podemos ver resultados positivos por parte das entrevistas concedidas que foram bastante positivas, dos textos apresentados o que foi apontado como mais difícil foi “O vento do oriente” por

ser mais extensos. Mesmo, que o texto pudesse ser cansativo, eles aceitariam trabalhar novamente com obras literárias nas aulas de Geografia, dessa forma podemos finalizar o capítulo vendo que as nossas expectativas foram alcançadas.

Considerações Finais

Compreender o potencial da Literatura para o ensino da Geografia na experiência do Estágio Supervisionado em Geografia III e IV nos anos finais do fundamental e ensino médio na cidade de Jacobina-Bahia, foi o nosso objetivo geral. Nesta perspectiva, na pesquisa realizada foi observado que o professor tem como usar mais a Literatura no ensino da Geografia, vários são os textos que podem se tornar recurso nas aulas e que podem ser usados nos vários conteúdos das aulas Geografia. Quando um professor usa um texto literário em suas aulas ele pode contextualizar melhor o assunto. É preciso ver que o mundo não é fragmentado e por isso precisamos cada vez mais trabalhar com o contexto, ao invés de colocar cada tema em uma caixa como se tudo fosse dividido.

Respondendo ao questionamento feito no início do trabalho, como trabalhar a Literatura de forma eficiente no ensino de Geografia para potencializar a aprendizagem? Podemos utilizar este recurso para introduzir o assunto, para aprofundar e também com um exercício para fechar os assuntos apresentando na aula as conexões dos temas da Geografia com os diversos fenômenos no mundo, por meio da Literatura.

A leitura é uma habilidade aprendida pelo homem que não passa de pai para filho, tal habilidade tem que ser aprendida por cada indivíduo. Nossa geração cada vez mais tem acesso à leitura em meios digitais, porém estamos lendo menos, perdidos dentro dos aplicativos de vídeos curtos que entregam ao cérebro conteúdos já mastigados sem muito esforço. A Literatura nas aulas de geografia traz dois estímulos: o de aprender o conteúdo e exercitar o cérebro através da leitura. Com isso, temos um resultado positivo quanto o que esperávamos da pesquisa, a Literatura é um potente recurso para as aulas de Geografia que possibilita a reflexão do sobre o conteúdo estudado. Nos anos finais do ensino fundamental a Literatura nas aulas de Geografia serviu para atrair a atenção dos alunos e estimular a aprendizagem da Geografia e da leitura que eles tinham dificuldade. No ensino médio a Literatura nas aulas de Geografia serviu para refletirmos melhor sobre o conteúdo e aprofundar os temas em tópicos mais sensíveis, como o ser migrante em ou outro país.

REFERÊNCIAS

ADÉBÁYO, Ayòbàmi. **Fique comigo**. Tradução Marina Vargas. Rio de Janeiro, HarperCollis, 2018.

ALVES, Rubem. O desejo de ensinar e a arte de aprender. Campinas, Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A cor de cada um**, recurso eletrônico, Rio de Janeiro: Record, 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do Povo** 33. ed. Rio de Janeiro, Record, 2005.

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Campinas, Cedes, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica: ensinar e aprender Geografia**. São Paulo, Xamã Editora, 2012. p. 73-88.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA: De leituras do espaço e espaços de leitura**. Revista da ANPEGE, 2020. p. 191-201

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice de. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor**. Salvador, EDUNEB, 2012.

ELLIS, Deborah. **A outra face: História de uma garota Afegã**. Projeto Editorial: A criação de uma nova experiência literária entre o meio físico e o digital, disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33440/5/Cria%C3%A7%C3%A3oUmaExperi%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 10/11/2024.

ENGEL, Guido Irineu **Pesquisa-ação**. Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2000,p. 181-191.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **MÉTODO PAULO FREIRE** Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação. Dissertação (Mestrado), Universidade de São, São Paulo, 1999.

FILHO, Adonias Aguiar. **O Largo da Palma**. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2005.

FREIRE, Paulo. A importância de ler. **A importância de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989

IBGE. **RESISTÊNCIA e integração: 100 anos da imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 153 – 155

MARANDOLA JR, Eduardo e OLIVEIRA Livia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura**, Rio Claro, 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo. GALLO, Priscila Marchiori Dal. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, jul.2010, p. 407-424.

MORAES, Maristela Maria de. CALLAI, Helena Copetti. **As possibilidades entre literatura e geografia**, 2012.

MORAN, José. BACICH, Lilian. “**Metodologia Ativa para uma educação inovadora**”. Porto Alegre: Penso, 2018.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Geografia e a experiência do mundo. Rio Claro, **Revista Geografia**, 2020.

OLIVEIRA, Gerlânio Silva de. **A seca no nordeste e os livros didáticos de geografia: Uma análise a partir da escola estadual Watson Clementino de Gusmão Silva**. 2018 Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2018.

OLIVEIRA, Livia de. **Sentidos de lugar e de topofilia**. Geograficidade,2013, p. 91-93.

Paiva, Vera Lúcia de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: um introdução**. Revista Brasileira de Linguagens Aplicadas (RBLA), São Paulo, 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib, PAGANELLI Tomoko Iydo e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo, Cortez, 2007.

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARR, Felwine, **Afrotopia**. São Paulo, Instituto Francês Brasil, 2019.

SANTOS, Ivaneide Silva dos. Políticas Educacionais para a Licenciatura em Geografia: Significações de Estágio Supervisionado. In: STRAFORINI, Rafael. et al (Org). **Políticas Educacionais e Ensino de Geografia: sentidos de currículo, práticas e formação docente**. Jundiaí. São Paulo. 2020, p. 111-129.

SANTOS, Oton Magno Santana dos (org). **Literaturas em tempos de crise: Leituras, rotas e imaginárias**. Salvador, EDUNEB, 2018.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico**. 5.ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

YOUNG, M. **O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas**. Revista Brasileira de Educação, 2011, Vol. 16, Nº 48, p. 609-623.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Murdoch University Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina, Eduel, 2015.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**/ Maryanne Wolf, tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

Apêndice

Questões utilizadas na entrevista dos alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio

1. Você gosta de ler? Justifique:
2. Você gosta de estudar os conteúdos de geografia? Por quê?
3. Você sente dificuldade de interpretar as questões do seu livro didático?
4. Qual a sua maior dificuldade nas aulas de geografia?
5. Você acha que a leitura te ajudou a compreender melhor a geografia? De que forma?
6. Qual texto trabalhado em nossas aulas você mais gostou? Fale um pouco sobre o livro didático de geografia.
7. Qual texto trabalhado você teve maior dificuldade em ler? Que dificuldade foi essa?
8. Qual tipo de leitura você gostaria de fazer se tivéssemos a oportunidade de trabalharmos juntos novamente?
9. Você considera uma boa ideia trabalhar textos literários durante as aulas de geografia? Por quê?

Entrevista com os professores:

1. Como você observa o ensino de geografia hoje? Os alunos se interessam pelos temas discutidos? Justifique.
2. Você consegue identificar por quais leituras os jovens se interessam?
3. Você julga ser importante o uso da leitura/literatura durante as aulas de geografia? Por quê?
4. Com relação ao estágio você notou algum avanço no conteúdo quando utilizado os textos literários?
5. O que professor pode fazer a partir do uso da literatura nas aulas de Geografia, entendendo as limitações dos seus alunos?
6. Você costuma levar leituras de obras literárias para suas aulas?
7. A escola onde você trabalha oferece livros que possam ser utilizados nas aulas de geografia? Se sim, quais?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte dias do mês de dezembro de 2024, às 19:00h (dezenove horas), reuniram-se na sala virtual do Google Meet deste Departamento de Ciências Humanas – Campus IV/Jacobina os professores: Dra. Ivaneide Silva dos Santos (Orientadora), Dr. Marcene Denys dos Reis Nunes e Me Carlos Lima Ferreira, para avaliarem o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia intitulado: O USO DA LITERATURA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: Experiência do estágio supervisionado do curso de licenciatura em Geografia da UNEB- Campus IV, da discente: HISTEFANE ALMEIDA NERIS. Terminada a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta para atribuir as notas e elaborar o parecer final da apreciação do trabalho, decidindo que o/a discente(s) foi aprovado(a)(os)(as), desde que efetuadas as devidas correções sugeridas pela Banca de TCC.

Ivaneide Silva dos Santos

Ivaneide Silva dos Santos (Orientadora)

Carlos Lima Ferreira

Carlos Lima Ferreira (Avaliador)

Marcene Denys dos Reis Nunes

Marcene Denys dos Reis Nunes (Avaliador)